

LEITURAS LIVRES: criando ambiências feministas

CARDOSO, Adriana Lessa⁵⁵

CHIARELLI, Lúgia⁵⁶

LUZZARDI, Roberta⁵⁷

Resumo:

O objetivo deste relato de experiência visa compartilhar uma ação realizada pela União Brasileira de Mulheres – UBM/Pelotas/RS, que trabalha numa perspectiva de cunho crítico e emancipacionista. Neste relato, vamos apresentar a atividade realizada no mês de março de 2022. O dia internacional da mulher representa para nós, militantes feministas, um momento de valorizar muitas conquistas ao longo dos últimos séculos, mas também um alerta sobre os graves problemas de opressões e discriminações que persistem em todo o mundo. Optamos por um dia dedicado à leitura de poesias e pequenos textos, na intenção de criar ambiências culturais e instigar a leitura de autoras feministas. Concluímos que precisamos redescobrir um diálogo que permeia nossa subjetividade atravessando nossas opressões e possibilitando um cruzamento de identidades no inconsciente coletivo, conhecer as literaturas produzidas por mulheres, incluindo aqui conceitos como a interseccionalidade, decolonialidade, práticas do bem viver, entre outros.

Palavras-chave: feminismo, práticas feministas, leituras livres, dinâmicas de interação.

Introdução

O objetivo deste relato de experiência visa refletir sobre uma prática feminista, que procurou criar condições para diálogo e convívio das integrantes do grupo, além da divulgação de autoras feministas. A prática foi realizada pela União Brasileira de Mulheres – UBM Pelotas, que trabalha numa perspectiva de cunho crítico e emancipacionista. Também buscamos criar laços entre outras mulheres de diferentes

⁵⁵ União Brasileira de Mulheres – UBM/Pelotas; Grupo de Pesquisa D’Generus/UFPel.

⁵⁶ União Brasileira de Mulheres – UBM/Pelotas; Universidade Federal de Pelotas.

⁵⁷ União Brasileira de Mulheres – UBM/Pelotas; Coletivo de Mulheres do PT Marisa Leticia.

coletivos para difundir a UBM como entidade e a causa feminista. Ocupar espaços públicos como a praça Dom Antônio Zattera, que se situa o Altar da Pátria, simboliza um lugar de enfrentamento, pois antes era um lugar de direito apenas para os homens. Lembrar os silenciamentos históricos permite firmar uma posição que as mulheres também se interessam e tem direito em fomentar a cultura, desconstruindo a imagem estereotipada da cultura patriarcal dos espaços públicos e privados, ainda que os tempos tenham mudado, muito dessa cultura nos atravessa. Dito isso, destacamos que não vão determinar um lugar para as mulheres, pois a luta pela melhoria da sociedade também acontece no cotidiano e por meio da educação, arte e cultura.

A UBM foi fundada em 1988 é uma entidade ampla e se organiza em todo o território nacional. Tem como objetivo de lutar, contra a opressão de gênero na perspectiva emancipacionista, pelas reivindicações sociais das mulheres em relação ao trabalho, combate a violência de gênero, saúde, direitos sexuais e reprodutivos. Se baseia na, educação não discriminatória, no direito ao lazer e equipamentos sociais, se mobiliza para que a maternidade seja compreendida na sua função social, pela união e participação das mulheres ao lado dos demais segmentos da sociedade, na luta pela democracia feminista, soberania nacional e uma sociedade livre de toda opressão e discriminação (Estatuto - UBM, 2007). Nosso trabalho em Pelotas realiza atividades de formação feminista, valorizando os *quefazer*s das mulheres, principalmente para aumentar o protagonismo político, bem como apoiar às candidaturas femininas comprometidas com a luta emancipacionista, a luta pela valorização do trabalho das mulheres e pela ampliação da participação nos espaços de poder e decisão.

Neste relato, vamos apresentar a atividade realizada no mês de março de 2022. O dia internacional da mulher representa para nós militantes feministas um momento de valorizar muitas conquistas ao longo dos últimos séculos, mas também um alerta sobre os graves problemas de opressões e discriminações que persistem em todo o mundo. Neste ano, optamos por realizar uma atividade pública e presencial para criar ambiências feministas, visto que estávamos “saindo” da pandemia do Coronavírus 19. Estávamos sem atividades presenciais havia dois anos. Assim, tivemos que nos reinventar frente ao abalo social gigantesco e inédito que estão sendo os efeitos da pandemia, fora isto estávamos diante a precarização do trabalho típico da sociedade capitalista, patriarcal, eurocêntrica e colonialista, agravada com o fortalecimento da extrema direita e suas pautas conservadoras.

A pandemia veio como uma avalanche em nossos corpos, mentes e almas, mas não estava sozinha, junto com ela estávamos sendo governadas pelo bolsonarismo e consequentemente, o fascismo. Neste cenário, buscamos agregar arte por meio da literatura para expressar nossos sentimentos, além de um reencontro de mulheres. Julieta Paredes Carvajal (2020), afirma que, “Feminismo é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa histórica, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime” (CARVAJAL, 2020, p. 195). A autora trabalha numa concepção de feminismo comunitário, que no caso tem conexão estreita com a prática proposta.

A prática consistiu em reunir mulheres no espaço público para leitura de poesia, excertos de livros de autoras feministas. Embora a ideia fosse em torno de mulheres, incentivamos que cada sujeito convidasse outras pessoas, desde que cada pessoa pudesse acomodar na grama da praça, fosse com banco, cadeira ou um pano para estender no chão. Buscamos um amplo sentido em ler e priorizar autoras e pesquisadoras feministas. A opacidade das mulheres, principalmente as mulheres do sul global na sociedade moderna, vem sendo foco de anúncio e denúncia por feministas como Ochy Curiel (2007), María Lugones (2014; 2020), Marcela Lagarde y de Los Ríos (2000; 2015), bell hooks (2019), Yuderkys Miñoso (2020), que apresentam uma crítica ao sistema mundo colonial de gênero, classe e raça, entre outros marcadores sociais, e suas implicações com as desigualdades e opressões que foram aprofundadas no denominado paradigma da modernidade-colonialidade⁵⁸. O ato de ler por si só, não é transformador, mas quando lemos e expressamos uma visão de mundo passamos ao protagonismo. Por exemplo, quando lemos o texto de Gloria Anzaldúa “Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, ou quando lemos o livro de poesia de Mel Duarte “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta”, entre outras escritoras, nos sentimos implicadas nesta escrita, nos sentimos capazes de expressar nossas percepções éticas e estéticas de mundo.

⁵⁸ Para conhecer mais sobre o paradigma modernidade colonialidade ver: BALLESTRIN, Luciana. Feminismo de(s)colonial como feminismo subalterno latino-americano. **Revista Estudos Feministas** [online], v. 28, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375304>. Acesso em: 29 set. 2021. e TORRES, Nelson Maldonado. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, Joaze Bernardino. e Colabs. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Ao nos reunir para ler e expressar toda nossa vontade de transformação social, tal prática conduz a criação de ambiências feministas. Assim, não corremos o risco, como diz Anzaldúa, de nos reduzir a fornecedoras de listas, de ignorar outros feminismos. Márcia Tiburi, conta no prefácio do livro “Dororidade” de Vilma Piedade (2017), que viu a palavra dororidade nascer. Sim, a palavra de Vilma Piedade foi expressa pela primeira vez numa roda de conversa em que discutiam os rumos do movimento de protagonismo de mulheres para a política. Atualmente é um dos conceitos mais citados e necessários para aprofundar o diálogo feminista negro. E foi ao ler a experiência da Vilma Piedade, o desejo de encontros e afetos, juntamente com a conjuntura política que a UBM pensou em um dia dedicado à leitura de poesias e pequenos textos, na intenção de criar ambiências culturais e instigar a leitura de autoras feministas.

Para realizar a atividade foram necessárias várias reuniões de articulação entre o grupo, onde trabalhamos coletivamente em busca de ideias e formação para executar a ação proposta. A organização feminista se deu na coletividade. Após definir a roda de leitura, decidimos o nome da atividade e cada uma das palavras usadas teve um sentido profundo para efetivar e sensibilizar a adesão do maior número de mulheres. Para fazer a divulgação utilizamos as redes sociais.



Figura 1: Card de divulgação
Fonte: União Brasileira de Mulheres – UBM/Pelotas

Juntamente com o *card* encontra-se o convite da União Brasileira de Mulheres para fazer o chamado: Propomos um dia dedicado à leitura de poesias e pequenos textos, na intenção de criar ambiências culturais e instigar a leitura de autoras feministas. Traga aquela citação que te impactou e venha compartilhar.

No dia do evento, realizamos a organização do espaço, cada uma de nós contribuiu de alguma maneira, chegamos mais cedo, levamos panos para sentar e cadeiras, pensando nas mulheres mais velhas e na dificuldade para sentar-se no chão. Levamos bandeiras e faixas, além de caixa de som e álcool gel. Para além da organização espacial, realizamos a organização da dinâmica, esta já estava pensada, mas sempre acontece os ajustes e assim decidimos que uma das companheiras faria a mediação, pois não seria apenas uma leitura mecânica, também poderíamos expressar nossos sentimentos e motivos por estar ali reunidas.



Figura 2: Bandeira e livros
Fonte: arquivo próprio



Figura 3: Bandeira e livros
Fonte: arquivo próprio

Tivemos vários poemas e excertos de textos lidos, especialmente alguns depoimentos sobre o empoderamento feminino. Sendo que vislumbramos o empoderamento como uma consciência social dos direitos individuais para que haja a consciência coletiva necessária e ocorra a superação da dependência social e da dominação política (BERTH, 2018). Dessa forma, este relato vamos apresentar dois textos que se destacaram para as autoras: O poema a cura, de Rupi Kaur, e Excerto do livro Mulheres empilhadas, de Patrícia Melo.

Poema a cura de Rupi Kaur⁵⁹

Gosto de ver como as estrias
das minhas coxas são humanas
e como somos tão macias porém
ásperas e selvagens
quando precisamos
adoro isso na gente
como somos capazes de sentir
como não temos medo de romper
e de cuidar das nossas dores com classe
só o fato de ser mulher
dizer que sou
mulher
me faz absolutamente plena e completa

⁵⁹ KAUR, Rupi. Outros Jeitos de usar a boca. São Paulo: Planeta, 2017. p. 169.

O corpo não se resume ao biológico, nele se encontra nossa identidade e como exercemos a busca por direitos sociais. Entendemos que a concepção de corpo vai além do que comumente se pensa.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e o acessório que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se reproduz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribui (GOELLNER, 2007, p. 29).

Para além de definições e do essencialismo, ser mulher é ter um corpo atravessado por verdades preconcebidas, verdades criadas e fundamentadas numa sociedade patriarcal, capitalista e colonialista, não só, mas principalmente forjada nesta tríade. No capitalismo tudo vira mercadoria, o nosso corpo também se apresenta como mercadoria. Na contemporaneidade em tempos de lugares “instagramáveis” os corpos também buscam ser “instagramáveis”, basta uma passada pelas redes sociais que vamos ter uma diversidade de receitas caseiras e da indústria para melhorar nossa aparência. As “blogueirinhas” estão aí para ensinar a nós mulheres como ficar mais jovens, mais bonitas, mais perfeitas!? Observa-se que para ser “mais perfeita” não estamos usando expressões “cuidado com a pele” agora fazemos “*Skincare*” que é mais descolado, né? Naomi Wolf (2018), nos diz que o mito da beleza atua como um mecanismo de controle social. Podemos perceber uma enorme falta de informações, conhecimentos concretos e circunstanciados que confrontem a desinformação e a futilidade. A cada dia nos sentimos mais cansadas, com mais afazeres, com mais falsas promessas de felicidade e perfeição do corpo, perfeição essa que é inalcançável e inexistente. E assim, continuamos sendo femininas e não feministas.

Por isso, o poema a “Cura”, de Rupi Kaur, vem como um alento para nossas lutas. Lutas que vem de longa data, bell hooks (2019), considera que, “as pensadoras feministas foram ao xis da questão, examinando criticamente como nos sentimos e o que pensamos sobre nosso corpo e oferecendo estratégias construtivas para mudança” (2019, p. 57). Gostar de si e aprender na coletividade que nossos corpos não podem ser descritos ou silenciados, conduz a uma proposta transgressora. Fazer uma crítica aos mecanismos disciplinares e de controle de estética perpassa a luta de

classe e ambiental. Nós mulheres estamos nos postos de trabalho mais precarizados e mal remunerados, sem contar com a tripla jornada de trabalho, por isso, reafirmar padrões estéticos inalcançável se mostra como mais uma perversidade contra as mulheres. Dizer poeticamente que, " Gosto de ver como as estrias; das minhas coxas são humanas; e como somos tão macias, porém; ásperas e selvagens", realmente é representativo e transgressor.

Também entendemos como transgressor, narrar abertamente sobre as violências de gênero, que no período da Pandemia do COVID-19 nos assolou. Como exemplo o excerto do livro, Mulheres empilhadas de Patrícia Melo:

"Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. Descobrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam.

E, no tribunal, todos dizem que a culpa é nossa. Nós, mulheres, sabemos como provocar. Sabemos infernizar. Sabemos destruir a vida de um cara. Somos infiéis. Vingativas. A culpa é nossa. Nós provocamos. Afinal o que estamos fazendo ali? Naquela festa? Àquela hora? Com aquela roupa? Por que afinal aceitamos a bebida que nos foi oferecida? Pior ainda: como não recusamos o convite de subir até aquele quarto de hotel? E bem que fomos avisadas: não saia de casa. Muito menos à noite. Não fique bêbada. Não seja independente. Não passe daqui. Nem dali. Não trabalhe. Não vista saia. Nem decote.

Mas quem disse que seguimos as regras?"

As violências contra as mulheres existem desde sempre. A Lei Maria da Penha, considera violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. A lei também assegura que toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. Apesar de termos uma lei que nos assegure o direito de viver sem violência, ainda estamos imersas na cultura patriarcal. Vejamos que de acordo com a antropóloga Janaina Campos Lobo,

em abril, pouco mais de trinta dias após o início das medidas protetivas destinadas a conter a disseminação da COVID-19, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) emitiu uma nota técnica na qual apura, tomando os meses de março e abril deste ano, um decréscimo nos registros de boletins de ocorrência em torno de crimes contra a mulher; registros esses que exigem a presença das vítimas. Por outro lado,

foram documentados aumentos nos índices de atendimento à violência doméstica pela Polícia Militar e, também, nos números de feminicídio, tomando o mesmo período em 2019, como comparação. No Mato Grosso, por exemplo, segundo o documento do FBSP, o aumento foi de 400% nos assassinatos de mulheres (LOBO, 2020, p. 22).

A autora observou o aumento avassalador dos casos de violência e a dificuldade de se efetuar os registros, em função do desconhecimento sobre o funcionamento das delegacias. O aumento também se deve, em tempos de pandemia, à incerteza sobre a efetividade das medidas, a dificuldade de acessar recursos que viabilizem a comunicação e, claro, o medo (LOBO, 2020). Podemos inferir que para enfrentar o patriarcado temos que narrar de forma explícita as violências; não podemos mais viver em colaboração com esse sistema, que é feito principalmente através da doutrinação dos papéis sociais de gênero e a negação do acesso ao conhecimento para as mulheres. Expressar os motivos que nos tornam vítimas e ainda nos culpabilizar pela violência compõe um quadro de indignação e justa ira, um desejo implacável de transformação cultural feminista.

Por fim, retomando a ideia geral do relato de experiência, o grupo avaliou positivamente a dinâmica, expressando com vários comentários e elogios, tanto no dia quanto depois da postagem nas redes sociais. As autoras deste relato e criadoras da dinâmica nos surpreendemos pelo bom retorno e repercussão. Ainda hoje é frequente as manifestações elogiosas e o pedido por uma reedição. Mesmo assim, ficamos com certa sensação de inacabamento, e de que este “piloto” pode melhorar, por isso, refletimos a vontade de continuar as leituras, mas não só, objetivamos dar continuidade de leituras seguidas de um processo de escrita criativa. Como, quando e onde ainda não sabemos, apenas temos a lição de que precisamos nos conhecer, conhecer literatura produzidas por mulheres, incluindo aqui conceitos como a interseccionalidade, decolonialidade, práticas do bem viver, entre outros, visando a atualização da formação, a motivação da participação no empenho de não ser mais um objeto descrito e narrado pela cultura patriarcal. No saldo, também aprendemos ao fazer essa roda de leitura, que precisamos criar ambiências culturais feministas, ou seja deselitizar a literatura e a poesia feminista, quebrar os muros que separam as mulheres trabalhadoras do direito de partilhar histórias e biografias que nos empoderam.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. ano 8. 2000. p. 229-236.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento. 2018.
- CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 195-204.
- CURIEL, Ochy. **Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. Colômbia: Universidad Central Colômbia, 2007.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Tejiendo de outro modo. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, Caracas, 2009, p. 309-324. Disponível em: <http://ve.scielo.org/scielo.php>. Acesso: 14 jan. 2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidades: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- KAUR, Rupri. Outros Jeitos de usar a boca. São Paulo: Planeta, 2017. p. 169.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los Cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 2ª ed. México: Siglo XXI Editores, 2015.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Claves feministas para liderazgos entrañables**. Managua: Puntos de encuentros, 2000.
- LOBO Janaina Campos. **Uma outra pandemia no Brasil: as vítimas da violência doméstica no isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”**. **Tessituras**. v. 8 2020.
- LUGONES, María. **Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial**. In: MIGNOLO, Walter et al. **Género e colonialidad**. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 13- 42.
- MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: LeYa, 2019.
- PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- União Brasileira de Mulheres. **Estatuto** União Brasileira de Mulheres. (2007), Disponível em: <http://ubmcarioca.blogspot.com/p/estatuto-da-ubm.html>. Acesso em: 12/11/2022.
- WOLF. Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.